



ISSN: 2595-5713
Vol. 03 | Nº. 5 | Ano 2020

**Felipe Antônio Honorato
e Guilherme Silva Pires de
Freitas**

LUKAKU, KOMPANY E COMPANHIA: UMA ANÁLISE DA “CONTRIBUIÇÃO” CONGOLESA PARA A FORMAÇÃO DA “GERAÇÃO DE OURO” DO FUTEBOL MASCULINO BELGA

Lukaku, Kompany and company: an analysis of the Congolese “contribution” to the formation of the “Golden Generation” of Belgian men's football

RESUMO: Este artigo tem como objetivo, através de uma revisão bibliográfica, analisar a relação que há entre transformação da atual República Democrática do Congo em um dos grandes pólos irradiadores de refugiados do mundo, com a formação da chamada “Geração de Ouro” do futebol masculino belga, semifinalista na última Copa do Mundo, em 2018. O artigo também irá discutir a relação existente desta questão com a consequente massificação dos fluxos migratórios entre o país africano e sua ex-metrópole, a Bélgica.

PALAVRAS-CHAVE: República Democrática do Congo; Bélgica; Geração de Ouro.

ABSTRACT: This article aims, through a bibliographic review, to analyze the relationship between the transformation of the current Democratic Republic of Congo into one of the greatest refugee radiating poles in the world, with the formation of the so-called “Golden Generation” of Belgian men's football, semifinalist at the last World Cup, in 2018. The article will also discuss the existing relationship of this issue with the consequent massification of migratory flows between the African country and its former metropolis, Belgium.

KEY WORDS: Democratic Republic of the Congo; Belgium; Golden Generation.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

LUKAKU, KOMPANY E COMPANHIA: UMA ANÁLISE DA “CONTRIBUIÇÃO” CONGOLESA PARA A FORMAÇÃO DA “GERAÇÃO DE OURO” DO FUTEBOL MASCULINO BELGA

Felipe Antônio Honorato ¹
Guilherme Silva Pires de Freitas ²

Introdução

Em uma foto que está entre as mais icônicas da história das Copas do Mundo de Futebol, Diego Armando Maradona, um dos grandes nomes da modalidade, é cercado por diversos jogadores belgas. O registro, feito em 1982, não é apenas do início da trajetória do ídolo máximo do futebol argentino, ao lado de Messi, com a camisa da seleção nacional em Copas do Mundo. Ele é também um registro do começo da caminhada de um grupo de jogadores que, quatro anos depois, levariam o selecionado europeu a um de seus pontos altos na história: a semifinal do Mundial de 1986, disputada em solo mexicano. Depois daquela semifinal, a Bélgica só viria a chegar a uma fase tão avançada da competição na Rússia, em 2018, um hiato de 32 anos. Este retorno se deu graças a uma geração de jogadores talentosos e de origem multiétnica, que saiu da Copa do Mundo do Brasil, em 2014, de forma prematura e muito questionada, mas que, na Rússia, quatro anos depois, chegou no melhor de sua forma e confirmou, aos olhos do mundo, o porquê de seu apelido: a Geração de Ouro do Futebol Belga.

Dentre os muitos bons nomes que a Geração de Ouro belga revelou, há quatro jogadores que se destacam como seus maiores valores: Kevin de Bruyne, jogador do Manchester City, Eden Hazard, do Real Madrid, Vincent Kompany, ídolo do Manchester City e que, atualmente, é técnico do time que o revelou – o Anderlecht, de Bruxelas -, e Romelu Lukaku, hoje estrela da Internazionale de Milão, na Itália. Kompany e Lukaku compartilham um detalhe em comum: suas origens étnicas. Kompany, ex-jogador que pode ser apontado como um dos símbolos de uma nova fase do futebol global³, tem pai nascido no antigo Congo Belga, que foi também República do Zaire até 1997 e hoje tem nome de República Democrática do Congo (RDC). Inclusive, Pierre Kompany, engenheiro e pai do zagueiro, protagonizou um evento histórico: foi

¹ Mestre em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP); Professor da faculdade IESCAMP (Campinas - SP). E-mail: felipe.honorato@alumni.usp.br

² Mestre em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). E-mail: gui_sp_freitas@yahoo.com.br

³ O Manchester City, clube que o jogador defendeu de 2008 a 2019, era tradicionalmente pequeno e sem relevância internacional. Após ser adquirido pelo grupo de capital fechado Abu Dhabi United Group em 2008, tornou-se um dos times mais competitivos e endinheirados do continente europeu.

eleito, em 2018, o primeiro prefeito negro de uma cidade belga – Gashoren, de 25 mil habitantes.

4

O país da África Central é também a terra dos pais de Lukaku. Seu pai, Roger, foi jogador profissional e atuou pela seleção do Zaire na década de 1990, e seu irmão mais novo, Jordan, também é jogador de futebol, tendo defendido a seleção belga na Eurocopa de 2016. Além da dupla, Youri Tielemans, Dedryck Boyata e Michy Batshuayi, reservas do grupo que esteve no Mundial na Rússia, também tem descendência congoleza. Ao todo eram 12 os atletas do selecionado belga na Copa de 2018 com origens multiculturais, tendo pais ou avós nascidos fora do país europeu, sendo cinco deles com raízes congolezas.⁵ Este artigo visa discutir os contextos históricos dos países de envio e destino de jogadores de futebol congolezes que atuaram e atuam em times belgas, além de seus descendentes que defenderam a seleção da Bélgica. Busca-se entender como esse panorama nos dois países propiciou essa migração de jogadores e impactou na formação da chamada Geração de Ouro do Futebol Belga.

1. Congo Belga: a atual RDC como um polo receptor de imigrantes

De 1885 a 1960 a atual República Democrática do Congo foi colônia da Bélgica. Neste período, belgas aplicaram na então colônia um sistema de ocupação, exploração e espoliação que, essencialmente, pode ser dividido em duas etapas históricas: de 1885 a 1908, quando o território se chamou Estado Livre do Congo, e de 1908 a 1960, quando a colônia foi nomeada Congo Belga. Ambas etapas guardam particularidades que distinguem o sistema colonial aplicado no Congo de qualquer outro dentro do que se chamou capitalismo imperialista colonial⁶, e que influenciaram, de forma derradeira, o histórico migratório do país.

O Estado Livre do Congo foi uma propriedade particular do Rei Leopoldo II e, oficialmente, o Estado belga não estava envolvido no empreendimento colonial. A partir de 1908, no entanto, a colônia passou para as mãos do governo belga, modificando seu nome para Congo Belga. A passagem do controle da colônia para o Estado Belga causou três consequências

⁴STEIN, Leonardo. Pai de Kompany se torna o primeiro prefeito negro da história da Bélgica. Trivela. Disponível em: < <https://trivela.com.br/pai-de-kompany-torna-o-primeiro-prefeito-negro-da-historia-da-belgica/> >. Acesso em: 01/06/2019.

⁵ FREITAS, Guilherme. Quem são os jogadores multiculturais das seleções europeias na Copa de 2018. Disponível em: < <https://guilhermefreitasacademico.wordpress.com/2018/06/24/quem-sao-os-jogadores-multiculturais-das-selecoes-europeias-na-copa-de-2018/> >. Acesso em: 14/02/2020.

⁶Marc Ferro (2017) defende que “na segunda metade do século XIX tem lugar uma nova onda de colonização europeia, a qual denominamos “era imperialista””; o autor continua explicando que o que diferencia essa nova era colonial da que começou no século XVI – período das chamadas “grandes navegações” – é: “a partir de então, a colonização responde a uma vontade política explícita: cada Estado industrial procurar assegurar para si zonas de dominação ou, ao menos, de influência. Por outro lado, ela não se coloca mais sob o signo da evangelização, mas do progresso: trata-se de levar a civilização a sociedades consideradas menos avançadas. Por fim, essa segunda

específicas que acabaram por tornar o agora Congo Belga um polo atrator de imigrantes, tanto europeus, quanto africanos. As consequências foram:

I - Após a criação do Congo Belga, a espoliação das riquezas congolêsas passou a ser feita através do chamado “portfólio congo”. O portfólio era um conjunto de empresas paraestatais – o que, no Brasil, entendemos como empresas de capital misto – baseadas nos antigos sistemas de concessões de Leopoldo II. Fazia parte deste portfólio, por exemplo, o Banco Central congolês. Kent (2011) traz que:

“As entidades paraestatais, incluindo a Administração Fluvial e o Banco Central, eram geridas por conselhos de administração a partir de Bruxelas, e em 1958 encontravam-se avaliadas em 37,5 mil milhões de francos. Os rendimentos do Portefólio foram de mil milhões de francos em 1959, mas não foram tomadas quaisquer medidas visando a sua transferência para o governo independente” (KENT, 2011, p. 41).

Além do Estado, que tinha participação de até 50% em todas estas companhias (MERRIAM, 1963), cinco corporações privadas se tornaram as grandes parceiras do governo belga no empreendimento da espoliação do Congo Belga:

“As cinco grandes firmas eram a Brufina, que controlava o Banco de Bruxelas além de certas organizações industriais; a Unilever, através de sua subsidiária belga, Huilever, agindo sobre produtos vegetais; Cominière, corporação agrícola e de mineração; o Banco Empain com grandes interesses no setor do transporte e a Société Générale que detinha interesses vários além de direitos de mineração” (MERRIAM, 1963, p. 44-45).

Merriam (1963, p. 44) destaca que o poderio dessas cinco empresas era tão grande que “em 1952 noticiou-se que cinco companhias arrendatárias controlavam aproximadamente 70% de todos os negócios no Congo”;

II – Com isto, as atividades mineradora e industrial acabaram por substituir a exploração da borracha e a extração do marfim (principais fontes de dividendos durante o Estado Livre do Congo) como grandes atividades econômicas desenvolvidas na colônia;

III – Em uma tentativa de se desprender da imagem negativa deixada pela administração de Leopoldo II do Estado Livre do Congo (por causa do excesso de violência, que incluía, por exemplo, constantes mutilações de mãos de colonizados), houve a instalação de um estado de bem social que era o mais extenso de África: existia um sistema de previdência social que previa auxílio doença e pensões por aposentadoria para todos os africanos trabalhando no Congo (MERRIAM, 1963); o *posho* obrigava todos os empregadores da colônia a fornecerem a seus

colonização dispõe de recursos financeiros, militares e humanos jamais vistos na história, modificando completamente a relação entre metrópoles e colônias; e com colonizados também, pois o trabalho passa a ser regra”.

trabalhadores cobertores, calções, agasalhos e alimentação sadia (MERRIAM, 1963); escolas primárias e de formação profissional se espalharam pelo país (consolidando o poderio da igreja católica dentro do empreendimento colonial belga, uma vez que ela era responsável pela maioria das escolas de ensino primário no Congo Belga), ampliando o número de pessoas alfabetizadas e de técnicos qualificados; além disso, ainda havia uma oferta considerável de empréstimos para aqueles que desejavam comprar imóveis e o Fundo de Bem-Estar Indígena (MERRIAM, 1963).

Tais decisões do poder colonial acabaram por transformar o Congo em um território atraente à imigração e que necessitava da mão de obra estrangeira, o que, por conseguinte, acabou também transformando a colônia em um espaço de hibridização (ou criouliização).⁷ Formaram-se fluxos migratórios em direção ao Congo Belga, compostos por europeus e por africanos vindos das mais diversas regiões.

1.1. De República do Zaire a República Democrática do Congo: o longo caminho entre ser pólo atrator de imigrantes até a diáspora congoleza

Em 1967, após se recusar a servir pelo Exército dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã, Muhammad Ali teve sua licença de boxeador caçada por três anos (BURKE, 2016). Depois de ser autorizado a voltar a lutar, Ali tentou por duas vezes reconquistar o cinturão dos pesos-pesados contra Joe Frazier e Ken Norton, mas perdeu ambas as lutas (BURKE, 2016). Em 1974, um dos nomes mais conhecidos do mundo do boxe, o empresário Don King, organizou uma nova tentativa de recuperação do título para Muhammad Ali (BURKE, 2016).

A luta foi contra George Foreman, tido como favorito e que tentava manter seu cinturão após uma vitória contra Joe Frazier. O embate ocorreu em Kinshasa, naquele momento capital da República do Zaire e ficou mundialmente conhecido pela alcunha de “Rumble in the Jungle” (“Luta na Selva”, em uma tradução livre para o português) e que o jornal britânico *The Telegraph* classificou como uma das maiores lutas da história (BURKE, 2016). Foi ainda um evento midiático que atraiu a atenção do mundo todo e contou, no dia anterior a luta, com um show de James Brown. Esta foi uma demonstração de opulência econômica e de prosperidade da recém nomeada República do Zaire. Fazia, então, quase dez anos que Mobutu Sese Seko havia tomado o controle do país através de um golpe de estado. O ditador, que, em 1982, tinha uma fortuna pessoal avaliada em 4 bilhões de dólares⁸, emergiu após um processo de independência

⁷Espaço de mistura e fusão cultural, que acabou por criar outras formas de manifestação cultural – vide o exemplo da música popular congoleza.

⁸BRAECKMAN, Colette. L’austérité au Zaïre. Disponível em: <http://www.lesoir.be/archive/d-19881124-W3RAUZ?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527aust%25C3%25A9rit%25C3%25A9%2520au%2520Za%25C3%25AFre_o%25C3%25B9%2520l%2527argent%2520reste_le%2520ciment%2520du%2520pouvoir>. Acesso em: 16/05/2018.

que por cinco anos jogou o Congo no caos, instalou um regime alinhado aos velhos interesses econômicos coloniais e que por muito tempo foi mantido pela influência de potências ocidentais. Segundo Maria Regina Petrus Tannuri (2010, p. 143):

“Mobutu toma o poder em 1965 com um golpe de Estado (cinco anos após o movimento revolucionário pela independência do Congo), estabelece um governo ditatorial e, a partir de 1971, imprime uma política de africanização – também conhecida como “zairenização” ou “doutrina da autenticidade africana”. Tal doutrina caracterizou-se por um discurso anticolonialista e uma série de medidas de forte cunho nacionalista, tais como a valorização das línguas e tradições culturais, a nacionalização das maiores empresas estrangeiras e a substituição / desestruturação dos quadros técnicos dos serviços públicos: “(...) A política de Mobutu levou a uma deterioração da economia (...). Corrosivos efeitos sociais e econômicos da corrupção nos mais altos níveis governamentais acabaram afetando a todos os setores da sociedade” (POUILLY, 2006, p. 4). A afirmação do africanismo no Zaire foi vinculada a uma forma de legitimação do culto à personalidade e à força de um poder absoluto de Mobutu. O Zaire passou mais de 30 anos sob um regime ditatorial que se proclamava anti-imperialista, embora, na prática, tivesse apoio dos EUA e de outros países capitalistas da Europa Ocidental preocupados com o avanço do socialismo na África no período da Guerra Fria. Os maiores opositores de Mobutu o acusaram de ter sido o maior “parceiro” do imperialismo norte-americano na África e um “servidor” das multinacionais que exploraram as riquezas do Zaire em troca de proteção, fortalecimento do seu governo e de um sistema de corrupção e enriquecimento pessoal. ”

O território do Congo-Kinshasa é riquíssimo: apresenta enormes fontes, dentre outros minerais, de cobre, manganês, estanho, urânio, zinco e cobalto; além destes, o Congo ainda possui jazidas relevantes de ouro, bauxita, prata, platina, chumbo, carvão e petróleo.⁹ No contexto da Guerra Fria, para as potências ocidentais apoiarem irrestritamente Mobutu, significava, indiretamente, manter sob controle toda essa abundância mineral - era uma questão estratégica. O arrefecimento da corrida entre Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas fez, no entanto, que, de maneira geral, o poder de barganha de líderes africanos na diplomacia mundial diminuísse; Joseph Mobutu não se viu livre deste fenômeno e, mais notadamente a partir do fim da década de 1980, começou a sofrer com uma intensificação da oposição interna contra seu regime: em abril de 1990, o líder congolês se viu obrigado a realizar uma série de medidas democratizantes (SCHOU MAKER et al., 2010), numa tentativa de aliviar a pressão que sofria; Demart e Bodeux (2013, p. 80-81) exemplificam uma delas:

“Em 24 de abril de 1990, o retorno a um sistema multipartidário foi anunciado oficialmente. Nos meses seguintes, quase 400 partidos foram criados (em torno

⁹MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/03/2016..

de 300 foram permitidos) e um pequeno número deles foram imediatamente representados na Bélgica, França e Alemanha.”¹⁰

O pacote de mudanças não surtiu o efeito esperado e, em 1991, uma onda de rebeliões tomou as ruas da capital Kinshasa (SCHOU MAKER et al., 2010). Iniciava-se ali um dos períodos mais violentos do então Zaire em que, dubiamente, o Congo-Kinshasa recebeu muitos refugiados (fugindo do genocídio ocorrido em Ruanda, em 1994), mas também deixou de ser um polo receptor de emigrantes para se tornar um dos países que mais geram refugiados no mundo.

1.1.1. Desdobramentos migratórios do contexto geopolítico na República Democrática do Congo

Este contexto político conturbado e violento serviu como um divisor de águas para as tendências migratórias congolezas, inaugurando uma era de imigração em massa da RDC para a Bélgica:

“O início da década de 1990 constituiu um grande divisor de águas. O processo de democratização de Mobutu, junto com os episódios de saques, em setembro de 1991 e janeiro de 1993, foram momentos decisivos. Mais e mais refugiados congolezes começaram a fugir para a Bélgica. Esta emigração política foi ainda incitada pela guerra com o Ruanda a partir de 1996, a marcha de Laurent-Désiré Kabila até Kinshasa, em 1997, e a guerra com as milícias aliadas a Ruanda e a Uganda, a partir de 1998. Desde 2000, a reunião familiar tornou-se um fator de migração tão importante quanto o asilo político [...]” (MERTENS et al., 2013, p. 92).¹¹

Segundo cálculos do *Groupe d'Étude de Démographie Appliquée*, da Universidade Católica de Louvain, o número de congolezes residentes na Bélgica saltou de 17.451, em janeiro de 1991, para 40.301, em janeiro de 2006, registrando um *boom* de 130,94% em 15 anos (QUENTIN, 2010). Em janeiro de 2008 os congolezes já formavam a 3ª maior comunidade de imigrantes não comunitários (proveniente de países de fora da União Europeia) na Bélgica: eram 45.780 pessoas, o que correspondia a 2,6% do total de imigrantes morando no país europeu (QUENTIN, 2010). Em linhas gerais, atualmente a imigração congoleza para a Bélgica é majoritariamente masculina e seus principais motivos são asilo, refúgio e reunião familiar

¹⁰ Tradução dos autores. Versão original: “On April 24th 1990, the return to a multiparty system was officially announced. In the following months, almost 400 parties were created (around 300 were allowed) and a few of them were immediately represented in Belgium, France, and Germany”.

¹¹ Tradução dos autores. Versão original: “The early 1990s constituted the major watershed. Mobutu’s democratization process, along with the looting and plundering episodes in september 1991 and january 1993, were turning points. More and more Congolese refugees began to flee to Belgium. This political emigration was further incited by the war with Rwanda from 1996 onwards, Laurent-Désiré Kabila’s march to Kinshsa in 1997, and the war

(QUENTIN, 2010). De acordo com Demart (2013, p. 06), espacialmente, esta é a divisão da imigração congoleza dentro do território belga:

“Entre 2001 e 2005, 49% dos imigrantes congolezes, a maioria deles francófonos, viviam na região de Bruxelas-Capital, enquanto cerca de 33% viviam na Valônia e 17% em Flandres, principalmente na Antuérpia (Meeuwis 1997), Ghent e Alost (Schoonvaere 2010). Segundo Schoonvaere (2010), a estratégia de assentamento dos recém-chegados é bastante semelhante às estratégias de quem se instalou duas ou três décadas antes.”¹²

Ainda de acordo com a pesquisadora francesa, os congolezes apresentam uma tendência de integração socioeconômica paradoxal: combinam, em média, um alto nível de educação formal com os mais altos níveis de desemprego na sociedade belga (DEMART, 2013). A estimativa de especialistas é que atualmente o número de imigrantes congolezes no mundo gire em torno de 500 mil e 1 milhão de pessoas (DEMART, 2013); o Estado congolês se refere a um número mais alto ainda: 7 milhões de imigrantes (DEMART, 2013).

2. A influência congoleza no futebol belga

Assim como aconteceu em todo o futebol europeu, a Bélgica sentiu os efeitos da globalização na modalidade. Com a sanção da Lei Bosman em 1995, que curiosamente leva o nome de um ex-jogador belga e que será melhor explicada a frente, o futebol no continente mudou. Tanto os clubes que disputam a Júpiter League (liga belga de futebol), quanto as seleções nacionais, passaram a ter elencos multiculturais e atletas de diferentes origens étnicas dividindo o vestiário. E entre esses jogadores que atuam nos gramados da Europa estão congolezes e seus descendentes, tema central deste artigo. Mas, até chegarmos ao cenário atual, é preciso compreender as mudanças pelas quais a modalidade passou. Primeiramente, será apresentado um histórico desta imigração congoleza no futebol.

2.1. Os primeiros congolezes no futebol belga

Muito antes da Lei Bosman e da globalização do futebol europeu, atletas de outros continentes já jogavam nos gramados da Europa. Entre as décadas de 1950 e 1960, sul-

with the militia allied to Rwanda and Uganda from 1998 onwards. Since 2000s, family reunion became a migration factor as important as political asylum [...]

¹²Tradução dos autores. Versão original: “Between 2001 and 2005, 49% of the mainly Francophone Congolese immigrants lived in the Brussels-Capital Region, while around 33% lived in Wallonia and 17% in Flanders, mainly in Antwerp (Meeuwis 1997), Ghent, and Alost (Schoonvaere 2010). According to Schoonvaere (2010) the

americanos de várias nacionalidades, como os brasileiros José Altafini Mazzola e Evaristo de Macedo (COELHO, 2009, p. 77) disputavam as principais ligas do continente. Nesta mesma época chegaram à liga belga os primeiros jogadores congolezes. Leon Motombo Mokuna foi o grande nome dessa geração pioneira. O talentoso atacante chamou a atenção de olheiros portugueses quando o Sporting de Lisboa fez uma turnê pelo então Congo Belga em 1954. Após conversar com dirigentes do clube, embarcou para a Europa tornando-se o primeiro congolês a atuar nos gramados do velho continente. Após uma passagem por Portugal, transferiu-se para o clube belga Gent em 1957.

Na Bélgica tornou-se logo de cara um ídolo e foi duas vezes artilheiro do clube. Devido ao bom futebol apresentado, naturalizou-se com esperanças de chegar à seleção belga algum dia. Porém, recebeu apenas chances na seleção B, que na época era uma equipe reserva e que só disputava partidas amistosas. Mokuna chegou a afirmar que o preconceito racial na época o impediu de chegar a equipe principal¹³, declaração similar à de Humphrey Mijns, o primeiro negro a defender a seleção dos Países Baixos em 1960, e que também reclamava do racismo (FREITAS, 2017, p. 49). Após encerrar a carreira tornou-se treinador e dirigiu a seleção do Zaire na Copa Africana de Nações em 1965.

Paul Bonga-Bonga, contemporâneo de Mokuna, também foi um jogador de destaque tendo desembarcado na Bélgica alguns meses depois do compatriota. Primeiramente jogou no Standard Liège e depois no Charleroi. Seu melhor ano foi em 1962 quando acabou eleito para o time ideal da temporada pela revista *World Soccer Magazine* ao lado de Pelé, Puskas e outros craques. Ele também foi primeiro jogador africano a fazer parte desta seleta lista.¹⁴ Houve outro jogador congolês de destaque neste período: Julien Kialunda. Nascido em Matadi, chegou à Bélgica ainda muito jovem no fim da década de 1950 e profissionalizou-se no país europeu. Em 1965 foi contratado pelo Anderlecht, principal clube do país, onde conquistou quatro vezes o campeonato nacional.

Nas décadas seguintes outros jogadores congolezes começaram a atuar no futebol belga. Um deles se destacou dentro e fora de campo. Trata-se do zagueiro Paul Beloy. Ele nasceu em Kinshasa, mas devido a mudança da família para a Bélgica onde seu pai foi estudar medicina, foi criado desde a infância na cidade de Mechelen. Beloy recebeu uma boa educação, mas seu talento no futebol falou mais alto e ele teve uma sólida carreira por clubes do país. Além dos

settlement strategy of new arrivals is fairly similar to the strategies of those who settled two or three decades earlier”.

¹³ GLEESON, MARK. *Pioneering DR Congo forward Leon Mokuna dies aged 90*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/sport/football/51296004>>. Acesso em: 22/02/2020.

¹⁴ LA CONSCIENCE. *Paul Bonga Bonga: le plus grand footballeur congolais*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20100207220237/http://laconscience.com/article.php?id_article=6245>. Acesso em: 10/06/2020.

jogadores adversários, o racismo também foi um oponente que ele teve que enfrentar. Em uma partida na década de 1970, uma banana foi atirada em sua direção. Ele pegou a fruta, a jogou para longe e a partida continuou normalmente. No dia seguinte, um jornal publicou um desenho o retratando com uma casca de banana.¹⁵ Desde então, Beloy tornou-se uma voz contra o racismo no futebol belga e escreveu em 2016 um livro em parceria com o jornalista Frank van Laeken intitulado *Vuile Zwarte: Racisme in het Belgische voetbal*¹⁶ onde debate a questão racial na modalidade.¹⁷

Todos esses pioneiros ajudaram a abrir portas para os jogadores congolezes no futebol belga e conseqüentemente para atletas da segunda geração de imigrantes, estes já nascidos na Bélgica.¹⁸ Um deles entrou para a história ao ir a campo no dia 4 de fevereiro de 1987, na cidade portuguesa de Braga. As seleções de Portugal e Bélgica jogavam uma partida amistosa e do lado belga estava o jovem Dimitri Mbuyu, filho de um imigrante congolês e uma belga. O atacante tornou-se o primeiro jogador negro e de origem congoleza a vestir a camisa dos *Red Devils*, o apelido da seleção nacional.¹⁹ Foram quase 83 anos entre a estreia oficial da seleção belga em maio de 1904 até a partida em 1987 para que um negro defendesse o selecionado em uma partida. Um tempo maior em comparação com os vizinhos França, Países Baixos e Alemanha, que tiveram os primeiros convocados negros em campo em 1931, 1960 e 1974, respectivamente.²⁰ Porém, a história de Mbuyu na equipe se resumiu apenas a esta partida. Mas, pouco importava, afinal ele entrou em campo e iniciou a história dos jogadores negros na seleção da Bélgica.

2.2. A Lei Bosman e o jogador comunitário

O ano de 1990 marcou o início de uma revolução nas leis trabalhistas do futebol europeu. Marc Jean Bosman, então jogador do Royal Liège, resolveu que não renovaria seu contrato e decidiu se transferir para o Union Sportive Dunkerque, da França. A equipe belga queria receber uma compensação financeira pela negociação e resolveu bloquear a transação. Bosman teve seu contrato suspenso e acionou a Justiça da União Europeia com base no artigo 48 do Tratado de

¹⁵ KUNTI, Samindra; ELISEEVA, Anastasya. *Africa: Paul Beloy Lambasts Racism in Belgian Football*. Disponível em: <<https://allafrica.com/stories/202007240845.html>>. Acesso em: 14/12/2020.

¹⁶ Tradução dos autores: Preto Sujo: o racismo no futebol belga.

¹⁷ SPORZA. *Beloy (ex-Beerschot) schreef boek over racisme in voetbal: "In stadion vallen remmingen weg"*. Disponível em: <<https://sporza.be/nl/2016/10/10/beloy-ex-beerschot-schreef-boek-over-racisme-in-voetbal-in-stad-1-2789882/>>. Acesso em: 14/12/2020.

¹⁸ DELHAUTOR, Benoît. *VdB, Tchite et les frères Mpenza parrains de la Fondation Kialunda*. Disponível em: <<https://www.dhnet.be/sports/football/vdb-tchite-et-les-freres-mpenza-parrains-de-la-fondation-kialunda-51b7e1d5e4b0de6db98c2529>>. Acesso em: 10/06/2020.

¹⁹ Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation. *Colourful Pioneers*. Disponível em: <<http://www.rsssf.com/miscellaneous/colourfulpioneers.html>>. Acesso em: 10/06/2020.

²⁰ Raoul Diagne foi o primeiro negro a jogar pela França; Humphrey Mijns foi o primeiro negro a jogar pelos Países Baixos; e Erwin Kostedde foi o primeiro negro a jogar pela Alemanha.

Roma²¹, o primeiro acordo do bloco e que buscava integrar as economias do continente, alegando que estava sendo impedido de exercer sua profissão mesmo sendo um cidadão europeu. Durante anos, o processo se arrastou na corte europeia e a carreira de Bosman foi completamente arrasada. Em dezembro de 1995, a Justiça deu ganho de causa para o jogador alegando que por ser um cidadão europeu ele não poderia ser impedido de trabalhar em outro país-membro do bloco. Nasceu então a lei que leva seu nome e que permitiu com que os atletas ficassem livres após os vencimentos de seus contratos, e pudessem assinar novos acordos com outros clubes durante os seis meses finais de seus vínculos.

Essa decisão mudou para sempre o futebol europeu, impactando no mercado de transferências, beneficiando os clubes e ligas mais ricos e dando aos atletas maior valorização e possibilidades para ganhar muito dinheiro (GIULIANOTTI, 2010, p. 159). Diversos belgas tiraram proveito da situação e se espalharam pelo continente atuando nas mais diversas ligas. Isso possibilitou que estes atletas desenvolvessem seu nível técnico, porém, enfraqueceu a estrutura local do futebol na Bélgica. No fim dos anos 1990, surgiram nas categorias de base do país dois talentosos irmãos: Mbo e Émile Mpenza, que tinham suas raízes ligadas a República Democrática do Congo. Mbo, o mais velho, nasceu na capital Kinshasa e ainda bebê imigrou com os pais para a cidade belga de Zellik. Lá, nasceu o caçula Émile. A família Mpenza é um exemplo dos congolezes que imigraram para a Bélgica entre as décadas de 1970 e 1990, durante o autoritário regime de Mobutu, como já citado no tópico 1.4.1. deste artigo.

Os irmãos Mpenza começaram a jogar no Kortrijk e ainda muito jovens chegaram à seleção tendo disputado juntos a Copa do Mundo de 1998 e a Eurocopa de 2000. Ambos tiveram carreiras estáveis, tendo atuado em clubes alemães e ingleses, e de certa forma, pavimentaram caminho para outros jovens com histórico migratório semelhante. Mas, entre a segunda metade da década de 2000 e início dos anos 2010, o futebol belga entrou em crise. A seleção não conseguiu se classificar para as principais competições internacionais entre 2004 e 2012 e os clubes faziam campanhas pífiás nas competições europeias. Mas, aos poucos foi surgindo uma talentosa geração que mesclava a globalização do futebol europeu com o multiculturalismo da sociedade belga, e que ficaria conhecida como a geração de ouro.

A Geração de Ouro do Futebol Belga

Boa parte da base desta equipe que alçou a Bélgica ao grupo das principais seleções internacionais era composta por jogadores de origem imigrante. Na defesa Vincent Kompany era

²¹ UNIÃO EUROPEIA. *Traité Instituant la Communauté Economique Européenne*. Disponível em: <<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/FR/TXT/PDF/?uri=CELEX:11957E/TXT&from=PT>>. Acesso em: 14/03/2020.

responsável por liderar e passar segurança; no meio Nacer Chadli e Axel Witzel protegem a equipe para que Kevin de Bruyne pudesse criar as jogadas, e no ataque a função de marcar gols ficava a cargo de Romelu Lukaku. Todos filhos ou netos de imigrantes. Uma equipe que além de muita qualidade técnica também simboliza a Bélgica deste século XXI: um país multicultural.

Dois membros da equipe eram peças vitais e tinham algo em comum: ambos eram filhos de congoleses. Principal líder do grupo, Kompany sempre demonstrou atenção para questões raciais, étnicas e sociais no país, já tendo criticado o descaso do governo com os imigrantes e adquirido um clube de futebol na periferia de Bruxelas, no qual oferece oportunidades aos jovens da região através do futebol.²² Em meio à pandemia do COVID-19, no ano de 2020, atos antirracistas se espalharam em todo mundo impulsionados pelo assassinato de George Floyd, um homem negro, por policiais brancos em Minneapolis nos Estados Unidos. Atletas negros como LeBron James, Naomi Osaka e Lewis Hamilton apoiaram as manifestações. Na Bélgica as diversas estátuas do Rei Leopoldo II, espalhadas pelo país, foram os alvos escolhidos. Muitas delas foram pichadas e retiradas do espaço público. Em debates acalorados na sociedade belga sobre o tema, o pai de Kompany, Pierre, lembrou da brutal colonização na RDC e afirmou que o “Estado belga e a família real deveriam pedir desculpas pelo passado.”²³ Seu filho o apoiou.

Já Lukaku também se interessou por estas pautas étnicas e raciais, tão presentes em sua origem. Meses antes da Copa do Mundo de 2018, o atacante chegou a escrever uma emocionante carta ao site *The Players Tribune* onde abordou o fato de muitas vezes ser questionado mais pela sua descendência congoleza do que pela sua qualidade profissional.²⁴ Hoje o atacante é uma das vozes mais ativas contra o preconceito racial na Europa. Com Kompany e Lukaku a Bélgica retornou para as grandes competições internacionais depois de um longo hiato. Na Copa do Mundo de 2014 acabou sendo eliminada pela Argentina nas quartas de final, e na Eurocopa de 2016 parou na mesma fase diante do País de Gales. No Mundial seguinte, em 2018, finalmente brilhou conseguindo sua melhor campanha em Copas ao terminar em terceiro lugar, superando no caminho os tradicionais e campeões mundiais Brasil e Inglaterra.

Um resultado bastante celebrado não só pelos atletas, mas também pela população belga que lotou as ruas de Bruxelas na recepção aos heróis nacionais. Um dos locais mais famosos da cidade, a praça Grand Place, estava lotada de torcedores orgulhosos com suas bandeiras e camisas vermelhas. Algo bem diferente do que ocorre no dia a dia do país, marcado por divisões

²² BRAND, Gerard. *You're in good Kompany! City's nice guy buys into doomed Belgian third division side... and you can get involved too.* Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-2300696/Manchester-City-defender-Vincent-Kompany-buys-struggling-Belgian-division-FC-Bleid.html> >. Acesso em: 20/03/2020.

²³ LE SOIR. *Pour Pierre Kompany, la Belgique doit «s'excuser» pour son passé colonial.* Disponível em: < <https://www.lesoir.be/308410/article/2020-06-20/pour-pierre-kompany-la-belgique-doit-sexcuser-pour-son-passe-colonial> >. Acesso em: 14/12/2020.

regionais, linguísticas e culturais.²⁵ A seleção nacional de futebol é uma das poucas coisas que consegue unir cidadãos belgas sem muitas discussões, formando a comunidade imaginada idealizada por Benedict Anderson (2008). Um poderoso símbolo de unidade nacional e que mascara temporariamente as diferenças políticas e identitárias. Porém, isso não se reflete no cotidiano belga. Como citado anteriormente, a Bélgica é marcada por profundas divisões e o futebol, sendo um espelho da sociedade, também reflete esses sentimentos como afirma Toledo:

“Seguramente, o futebol reúne muitos níveis, temas e dimensões das sociedades contemporâneas: o cosmopolitismo de sua prática, a política, as formas de organização, os interesses econômicos, discriminações raciais, a expansão do fenômeno da violência urbana” (TOLEDO, 2000, p. 30).

Um artigo publicado em 2018 pelos pesquisadores e membros do Grupo de Pesquisa de Política em Esportes e Atividade Física da Universidade de Leuven, Chris Heim, Joris Corthouts e Jeroen Scheerder, intitulado *Black Footballers and Coaches Between White Lines: A Multi-Level Analysis of Racism and Anti-Racism Movements in Belgian Football*²⁶, apresenta um estudo que visa compreender qual seria o impacto do preconceito e da tensão racial presente na sociedade belga no futebol do país. A pesquisa identifica que a modalidade, assim como outras áreas da sociedade, também sofre com a questão racial. Porém, segundo os autores, os belgas são mais tolerantes em relação às minorias étnicas e imigrantes do que outros países europeus, embora parte da população nativa ainda acredite que os imigrantes não queiram se integrar a sua sociedade. Um sentimento recíproco destas minorias, que se sentem excluídas por suas origens estrangeiras (HEIM; CORTHOUTS; SCHEERDER, 2018, p. 1).

Assim como ocorre na sociedade, o futebol belga sofre com o racismo institucional através da falta de representatividade e diversidade nos postos de comando como presidentes de clubes, dirigentes e técnicos, além do racismo ocupacional onde atletas são pré-julgados para posições específicas dentro de campo. Por exemplo, jogadores de origem africana, como os congolezes, são automaticamente identificados como centroavantes por serem fortes e velozes, mas nunca como bons goleiros, uma posição que representa segurança e confiança. Esses preconceitos impactam diretamente no comportamento dos torcedores que praticam o racismo através deste senso comum e de ofensas e cânticos nos estádios em partidas da liga local (HEIM; CORTHOUTS; SCHEERDER, 2018, p. 11-13). Embora tenham sido documentados casos de

²⁴ LUKAKU, Romelu. *I've Got Some Things to Say*. Disponível em: <<https://www.theplayertribune.com/en-us/articles/romelu-lukaku-ive-got-some-things-to-say>>. Acesso em: 20/03/2020.

²⁵ FERRARI, BIANCA. *World Cup 2018: Belgium lose semifinal but gain national pride*. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/world-cup-2018-belgium-lose-semifinal-but-gain-national-pride/a-44633063>>. Acesso em: 15/12/2020.

²⁶ Tradução dos autores: Jogadores de futebol negros e treinadores entre as linhas brancas: uma análise multinível de movimentos contra o racismo e o antirracismo no futebol belga.

racismo contra jogadores e árbitros nas ligas locais de futebol nas últimas temporadas (HEIM; CORTHOUS; SCHEERDER, 2018, p. 11), a seleção nacional passa quase que ilesa. O que só reforça o fato de como os belgas enxergam em seu selecionado um forte fator de identidade nacional, onde a questão racial e étnica é deixada de lado em prol da unidade nacional de um país marcado por fragmentações. E a geração de ouro, devido a seus resultados alcançados, é uma prova de como esse sentimento de pertencimento ficou ainda maior. Ou como diz o craque do time Eden Hazard: “Não brinco com meus colegas flamengos, eu jogo com meus colegas belgas”.²⁷

Considerações finais: o que esperar das próximas gerações?

A Geração de Ouro do Futebol Belga está se aproximando da fase final da carreira e possivelmente haverá apenas mais uma chance de conquistar a Copa do Mundo, na edição de 2022 no Catar. Porém, mesmo com a saída de cena de Lukaku e companhia o multiculturalismo deve continuar dando as caras nos vestiários da seleção nacional. As equipes de base da Bélgica contam com cada vez mais jovens talentos que carregam em suas origens um passado migrante. Um exemplo é a seleção Sub-21 que disputou a edição do Campeonato Europeu da categoria em 2019. Dos 23 convocados, oito tinham descendência estrangeira, sendo seis deles filhos ou netos de congoleses.²⁸ Um indício de como a presença de jogadores deste perfil estará presente na seleção por um longo tempo. E curiosamente, esses jovens que nasceram na Bélgica ainda podem representar a pátria de seus pais e avós, já que as regras da FIFA permitem que atletas que joguem pelas equipes de base possam atuar por outra seleção caso ainda não tenham disputado um jogo oficial pelo time principal. Inclusive, na atual seleção da República Democrática do Congo existem alguns jogadores que nasceram em solo europeu, principalmente na França e na Bélgica, e que defendem a seleção africana, como Yannick Bolasie e Arthur Masuaku, que atuam na bilionária Premier League, a liga inglesa de futebol.

Assim como Kompany e Lukaku, que reconhecem suas raízes étnicas e se orgulham dela, os atletas nascidos na Europa e que optam por jogar pela seleção congolesa demonstram como a identidade é híbrida, provisória e está sempre em constante mudança como afirma Hall (2003). Ou como define Vermeulen (2001, p. 24), um caso de identidade étnica, que se diferencia das identidades sociais pela sua convicção de possuir uma ascendência, uma história e uma herança cultural. Marcada por tantas diferenças linguísticas, culturais e identitárias em sua sociedade,

²⁷ MEMON, Taha. *Belgium's Exemplary Success Through Ethnic Integration*. Disponível em: <<https://www.footballparadise.com/belgium-ethnic-integration/>>. Acesso em 15/12/2020.

²⁸ UEFA. *Belgium Squad - UEFA European Under-21 Championship*. Disponível em: <<https://www.uefa.com/under21/teams/200013--belgium/squad/>>. Acesso em: 16/12/2020.

mas que demonstra união dentro de campo com atletas de diversas origens étnicas unidos pela camisa dos *Red Devils*, a Bélgica viu aflorar o orgulho nacional através de sua seleção masculina de futebol que se tornou uma imaginária comunidade de milhões na forma de um time de onze pessoas (HOBSBAWM, 2013, p. 197).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BRAND, Gerard. *You're in good Kompany! City's nice guy buys into doomed Belgian third division side... and you can get involved too*. Daily Mail. Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-2300696/Manchester-City-defender-Vincent-Kompany-buys-struggling-Belgian-division-FC-Bleid.html>>. Acesso em: 20/03/2020.

BRAECKMAN, Colette. **L'austérité au Zaïre**. Disponível em: <http://www.lesoir.be/archive/d-19881124-W3RAUZ?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527aust%25C3%25A9rit%25C3%25A9%2520au%2520Za%25C3%25A9%25C3%25B9%2520l%2527argent%2520reste_le%2520ciment%2520du%2520pouvoir>. Acesso em: 16/05/2018.

BURKE, Myles. **Why Rumble in the Jungle is one of the greatest fights of all time**. Disponível em: < <https://www.telegraph.co.uk/boxing/2016/06/03/why-rumble-in-the-jungle-is-one-of-the-greatest-fights-of-all-ti/>>. Acesso em: 23/11/2020.

COELHO, Paulo Vinicius. **Bola fora: o êxodo do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2009.

DEMART, Sarah. Congolese Migration to Belgium and Postcolonial Perspectives. **African Diaspora**, n. 06, p. 01-20, jun. 2013.

DEMART, Sarah; BODEUX, Leïla. Postcolonial stakes of Congolese (DRC) political space: 50 years after independence. **African Diaspora**, n. 06, p. 72-96, jun. 2013.

FERRARI, BIANCA. **World Cup 2018: Belgium lose semifinal but gain national pride**. Deutsche Welle. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/world-cup-2018-belgium-lose-semifinal-but-gain-national-pride/a-44633063>>. Acesso em: 15/12/2020.

FERRO, Marc. **A colonização explicada para todos**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

FREITAS, Guilherme. As seleções de futebol multiculturais da União Europeia. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2017.

_____. **Quem são os jogadores multiculturais das seleções europeias na Copa de 2018**. Guilherme Freitas Acadêmico. Disponível em: <<https://guilhermefreitasacademico.wordpress.com/2018/06/24/quem-sao-os-jogadores-multiculturais-das-selecoes-europeias-na-copa-de-2018/>>. Acesso em: 14/02/2020.

- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- GLEESON, MARK. **Pioneering DR Congo forward Leon Mokuna dies aged 90**. BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/sport/football/51296004>>. Acesso em: 22/02/2020.
- DELHAUTOR, Benoît. **VdB, Tchite et les frères Mpenza parrains de la Fondation Kialunda**. La Dernière Heure Les Sports+. Disponível em: <<https://www.dhnet.be/sports/football/vdb-tchite-et-les-freres-mpenza-parrains-de-la-fondation-kialunda-51b7c1d5e4b0de6db98c2529>>. Acesso em: 10/06/2020
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HEIM Chris; CORTHOUTS Joris; SCHEERDER Jeroen. Black Footballers and Coaches Between White Lines: A Multi-Level Analysis of Racism and Anti-Racism Movements in Belgian Football. In: **En marge des grands: le football en Belgique et en Suisse**. Bern: Peter Lang AG, 2018. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/328334815>>. Acesso em: 14/12/2020.
- HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- KENT, John. Descolonização e Guerra Fria: a ONU, os Estados Unidos e a crise do Congo (1960-1963). **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 30, p. 39-59, jun. 2011.
- KUNTI, Samindra; ELISEEVA, Anastasya. **Africa: Paul Beloy Lambasts Racism in Belgian Football**. All Africa. Disponível em: <<https://allafrica.com/stories/202007240845.html>>. Acesso em: 14/12/2020.
- LA CONSCIENCE. **Paul Bonga Bonga: le plus grand footballeur congolais**. La Conscience. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20100207220237/http://laconscience.com/article.php?id_article=6245>. Acesso em: 10/06/2020.
- LE SOIR. **Pour Pierre Kompany, la Belgique doit «s'excuser» pour son passé colonial**. Le Soir. Disponível em: <<https://www.lesoir.be/308410/article/2020-06-20/pour-pierre-kompany-la-belgique-doit-sexcuser-pour-son-passe-colonial>>. Acesso em: 14/12/2020.
- LUKAKU, Romelu. **I've Got Some Things to Say**. The Players Tribune. Disponível em: <<https://www.theplayertribune.com/en-us/articles/romelu-lukaku-ive-got-some-things-to-say>>. Acesso em: 20/03/2020.
- MEMON, Taha. **Belgium's Exemplary Success Through Ethnic Integration**. Football Paradise. Disponível em: <<https://www.footballparadise.com/belgium-ethnic-integration/>>. Acesso em 15/12/2020.
- MERRIAM, Alan P. **Congo**. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.
- MERTENS, J., et al. A New Floor For The Silenced? Congolese hip-hop in Belgium. **Social Transformations**, v. 1, n. 1, p. 87-113, fev. 2013.

MUNANGA, Kabengele. **A República Democrática do Congo - RDC**. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/03/2016.

QUENTIN, Schoonvaere. **Etude de la Migration Congolaise et de Son Impact sur la Presence Congolaise em Belgique: Analyse des principaux donnés démographiques**. Louvain: Groupe d'étude de Démographie Appliquée e Centre pour l'égalité des chances et la lutte contre le racisme, 2010.

REC.SPORT.SOCCER STATISTICS FOUNDATION. **Colourful Pioneers**. RSSSF. Disponível em: <<http://www.rsssf.com/miscellaneous/colourfulpioneers.html>>. Acesso em: 10/06/2020.

SCHOUMAKER, Bruno; VAUSE, Sophie; MANGALU, José. Political turmoil, economic crisis and international migration in DR Congo: evidence from event-history data (1975-2007). In: KUROSU, Satomi; BENGTTSSON, Tommy; CAMPBELL, Cameron (Eds). **Demographic responses to economic and enviromental crisis**. Kashiwa: Reitaku University, 2010.

SPORZA. **Beloy (ex-Beerschot) schreef boek over racisme in voetbal: "In stadion vallen remmingen weg"**. Sporza Disponível em: <<https://sporza.be/nl/2016/10/10/beloy-ex-beerschot-schreef-boek-over-racisme-in-voetbal-in-stad-1-2789882/>>. Acesso em: 14/12/2020.

STEIN, Leonardo. **Pai de Kompany se torna o primeiro prefeito negro da história da Bélgica. Trivela**. Disponível em: <<https://trivela.com.br/pai-de-kompany-torna-o-primeiro-prefeito-negro-da-historia-da-belgica/>>. Acesso em: 01/06/2019.

TANNURI, Maria Regina Petrus. **Refugiados congolezes no Rio de Janeiro e dinâmicas de "integração local": das ações institucionais e políticas públicas aos recursos relacionais das redes sociais**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol: Dimensões simbólicas de um esporte nacional**. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2000.

UEFA. **Belgium Squad - UEFA European Under-21 Championship**. UEFA. Disponível em: <<https://www.uefa.com/under21/teams/200013--belgium/squad/>>. Acesso em: 16/12/2020.

UNIÃO EUROPEIA. **Traité Instituant la Communauté Economique Européenne**. Rome: 1957. Disponível em: <<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/FR/TXT/PDF/?uri=CELEX:11957E/TXT&from=PT>>. Acesso em: 14/03/2020.

VERMEULEN, Hans. **Imigração, integração e a dimensão política da cultura**. Lisboa: Edições Colibri, 2001.